

## LAGOA SANTA

### I

Ha em Minas alguns logares cuja celebridade desperta-nos o natural desejo de conhecê-los.

Está nesses casos a Lagoa Santa, situada a 7 kilometros a léste da estação de Vespasiano, da E. de Ferro Central do Brasil.

Desta estação, collocada a 626 kilometros do Rio e 680 metros de altitude, a viagem se faz a cavallo e em cerca de 1 hora.

Atravessando, mesmo junto de Vespasiano, o ribeirão da Matta, bastante volumoso, sobe-se um morro ingreme até uma altitude de mais ou menos 800 metros, estendendo-se, dahi por deante, o caminho por sobre terreno quasi horizontal e só ligeiramente inclinado para a lagoa, a uns tres kilometros antes de se chegar a esta.

Nos 7 kilometros de estrada, atravessa-se exclusivamente o cerrado denso, de arvores caracteristicamente tortuosas. Ahí se vêm a cacheta, a gaiteira, o piquizeiro, o jatobá, o jacarandá, o vinhatico do campo, os paus-ferro, a quina do campo, a sucupira, intercalladas de fructa-de-lobo, cassias diversas, muricys, pequenas palmeiras, gravatás e outraservas e arbustos de pequeno porte, todos elles crescendo em meio do «capim redondo» ou «capim do campo», que cobre uniformemente o terreno.

No fundo de uma depressão, formada de vertentes suavemente inclinadas, está a lagoa que deu o nome á povoação. Tem 2 kilometros na maior dimensão, approximadamente de léste a oeste, e pouco menos de largura, estando a superficie de suas aguas a 725 metros de altitude.

A depressão apresenta, em qualquer direcção, um diametro de 8 kilometros mais ou menos, e tem apenas uma abertura, a léste, por onde se faz o escoamento das aguas que vão ter á lagoa.

Este escoamento dá-se durante todo anno, e apenas cessa quando a secca attinge character assustador, o que raramente acontece.

A lagôa é, pois, alimentada constantemente pelas infiltrações da sua bacia, as quaes são, sem duvida, sufficientes para originar o pequeno curso d'agua que dahi corre perennemente, formando o «corrego do Sobradinho».

Segundo opinião de alguns moradores do lugar, a lagôa deverá ser alimentada tambem por possante jorro d'agua que brota junto a uma das margens, visto que, nesse lugar, de uma profundidade exaggerada, não para objecto algum. Quando por ventura chega ahi uma canôa, esta vai sendo tocada para o meio da lagôa em virtude da corrente estabelecida pela nascente.

Este facto que não pude verificar nem tão pouco julgar convenientemente provado pelas informações a mim fornecidas, não é, entretanto, inadmissivel, pois que mesmo nas vizinhanças da povoação, um pouco abaixo da lagôa, existe uma fonte—o Poço Azul—d'onde sai durante todo o anno, agua sufficiente para tocar um moinho. Este poço, situado à margem esquerda do corrego do Sobradinho, tem apenas uns poucos metros de diametro; a sua agua, quando vista em grande massa, é azulada.

O nivel deste poço está alguns metros abaixo do da lagôa, e, por isso, poder-se-ia pensar que fosse elle alimentado por aguas daquella; entretanto, tal não acontece, visto que ha grande differença entre uma e outra agua: a do Poço Azul contém em solução principios que a tornam verdadeiramente intragavel, ao passo que a da lagôa, si bem que não seja, sob o ponto de vista do sabor, uma boa agua potavel, é todavia, bebivel.

Os habitantes do lugar utilizam-se da agua da lagôa para beber, e bem assim para varios outros fins, como lavagem de roupas, banho, etc., realizados mesmo na lagôa. Alguns pequenos poços abertos junto às margens servem tambem para o abastecimento. Nestes, porém, como acontece no poço chamado, «Cacimba da Maria Dona», a agua apresenta um pronunciado «gosto terroso» que a torna bem desagradavel.

Não é limpida a agua da lagôa; mesmo na pequena porção contida em um copo, ella mostra um aspecto ligeiramente leitoso, sendo todavia muito mais clara que a dos poços, pois nestes ella tem a apparencia de agua de sabão.

Collocada em nivel superior ao da grande e a S. E. desta, existe ainda uma pequena lagôa, chamada «do Francisco Pereira», cujas aguas, que se escoam quasi durante todo o anno, vertem para aquella. As duas lagôas estão separadas por uma distancia de menos de 1 kilometro.

Ainda a S. E. da grande lagôa encontra-se, em nivel bem elevado e em meio do cerrado da chapada, o «poço do Jacaré», que raramente se enche até transbordar.

O terreno em que se acha a lagôa é todo formado de schisto argilloso, coberto de camadas de terra vermelha alluvial, e o de uma enorme região em torno é constituído do mesmo schisto, semeado aqui e alli de pedreiras de calcareo, geralmente schistoso e escuro.

Este calcareo é largamente explorado para cal nos arredores de Vespasiano, empregando-se para a sua calcinação fornos em cava e quasi sempre revestidos de tijollos.

A média da produção de cada forno é mais ou menos de 3.000 saccos de cal, que são vendidos, no lugar, a 400 réis cada um.

Arenda da estação, proveniente quasi toda da exportação da cal é em média de 25:000\$000 mensaes.

Essa exportação, avaliada em 50.000 saccos por mez, é encaminhada principalmente para o Rio de Janeiro.

Em quasi todas as pedreiras de calcareo da região existem grutas mais ou menos extensas e profundas; taes são, por exemplo, a da Lapa Vermelha, entre Vespasiano e Lagôa Santa; a da Lapinha, ao norte; a do Sumidouro e outras.

No Sumidouro dá-se o facto interessante de desaparecer no calcareo um ribeirão que, depois de um curso subterraneo de cerca de 6 kilometros, surge ex-abrupto em uma encosta do lado opposto.

Dão-se ahi, de vez em quando, fortes abalos do solo, sentidos perfeitamente em Lagôa Santa, a duas leguas de distancia. Suppõe-se serem occasionados pela queda de grandes massas de calcareo que cedem aos effeitos da corrosão de aguas infiltradas.

Entre a superficie da lagôa e a parte mais alta dos morros que a circumdam, a differença de nivel é variavel: para o lado de léste ella é de uns 100 e tantos metros; para o oeste é muito pequena, e para o norte e para o sul é, talvez, de 80 metros.

Como já disse, o schisto argilloso é quasi sempre coberto por uma camada de terra de alluvião, que em varios pontos attinge consideravel espessura, chegando a ter 10 e 20 metros.

Na subida para o morro do Cruzeiro, cujo cumo, a 3 kilometros da lagôa, está a 907 metros de altitude, pôde-se bem observar, em dois desbarrancados que se acham de um e outro lado da estrada, a camada de alluvião que chega até pouco abaixo do cimo. A camada, seguindo as ondulações do schisto, tem na base o material mais grosso e pesado—fragmentos lisos de quartzo leitoso, por cima deste, cascalho miudo, tambem sem arestas vivas, e por sobre este, emfim, terra argillosa e vermelha.

Tanto o schisto como esta camada alluvial são facilmente desagregaveis, como bem o mostram os numerosos desbarrancados existentes na região. Basta abrir um vallo ou fazer uma escavação qualquer para que ahi se origine um desbarrancado, cujas bordas nunca mais se consolidam.

Como um precioso esclarecimento sobre o modo de formação da lagôa, guarda esta em seu seio um documento importante.

Com effeito, a partir da margem do lado norte existe no fundo da lagôa uma cerca de estacas de madeira, perfeitamente visível através da agua; pois a profundidade ali, como em quasi toda ella, não é grande. Esta cerca em certo ponto defronta as ruínas de uma grande casa submersa, apenas denunciável pelo madeiramento, em grande parte ainda intacto.

Desta casa têm-se retirado já algumas peças do engradamento, as quaes não se conservam fóra d'agua, apodrecendo logo.

Duas hypotheses podem ser feitas para explicar a actual collocação dessas ruínas: ou desceu o terreno em que ellas se achavam, ou elevou-se o nível das aguas.

A primeira hypothesis não se justifica, pois que si tal acontecesse é natural que tivessem restado vestígios nas margens vizinhas da corrida ou abaixamento do terreno.

A elevação do nível das aguas é, a meu ver, perfeitamente aceitável.

As aguas da bacia e que formam o curso ali originado, escoavam-se, em tempos remotos, sem que, replegadas, formassem o grande lago actual.

Os continuos depositos de alluvião, porém, foram barrando o curso d'agua, na parte léste, em que elle passa apertado entre dois morros, de modo a elevar o nível das aguas represadas que invadiam uma área cada vez maior.

Estes factos não estão em discordancia com o que se observa no terreno, pois é toda de alluvião a parte por onde se faz o escoamento da lagôa, que fórma como que um grande açude, cujo exgottamento total não seria muito difficil.

Esses depositos alluviaes até hoje ainda se fazem com certa intensidade, contribuindo, então, não só para elevar o nível das aguas como também para aterrar a lagôa. Em toda a parte léste, os continuos depositos trazidos pelas formidaveis enxurradas, provindas do Capão Redondo, vão sem cessar compellindo as aguas a se afastarem, facto observado pela população do logar e reconhecível pelos indícios deixados *in situ*.

A lagôa diminue, portanto, e não será para admirar que, no fim de algum tempo, a cerca e o engradamento de madeira, actual mente submersos, fiquem de todo soterrados.

Não ha muitos annos, as aguas, mesmo nas vizinhanças do escoadouro, vinham a certo ponto hoje aterrado e afastado uns 10 metros da margem.

Assim, é a propria Natureza que, depois de ter, aos poucos, creado a lagôa, vae também paulatinamente, nessa constricção incessante e aniquiladora, determinando o seu desaparecimento.

## II

Não deixa de ser curiosa a origem que a lenda indica para o nome dado à lagôa.

Um portuguez, martyrizado, havia annos, por uma ulcera que lhe apparecera em uma das pernas, veio em certa occasião caçando até o local da lagôa. Ahí chegado, teve a feliz idéa de banhar a perna doente na agua, em grande massa encontrada. Com espanto, notou que a ulcera, rebelde a todo o medicamento até então empregado, apresentára immediatamente melhoras tão pronunciadas, que elle julgou conveniente fazer mais algumas lavagens, com o que obteve a cura completa.

A ferida cicatrizára ao contacto da agua, cuja sobrenatural acção curativa só podia ser attribuida a um caracter de santidade.

E o portuguez, assombrado com o milagre operado por aquelle manancial infiltrado de effluvio celeste, sahio a relatar a extraordinaria cura, mostrando aos que o haviam conhecido antes, o attestado da manifestação divina na preciosa agua — a cicatriz substituindo a terrível ulcera dolorosa e incuravel pelos remedios mundanos.

Imediatamente, doentes de toda a sorte e de varias partes accorreram ás margens da lagôa, desde então considerada santa, e ahí permaneciam á espera da cura milagrosa.

Formou-se assim, uma pequena povoação á beira da lagôa santa, povoação que, por fim, foi designada também por este nome.

Durante muitos annos, apparecia na lagôa mais uma prova de que era ella verdadeira intermediaria entre este mundo de miserias e o outro de venturas que, infelizmente, só gosamos depois da morte: ao meio dia, uma enorme cruz de prata, tendo todos os attractivos do sobrenatural, apresentava-se por sobre as aguas do manancial santificado e ahí se conservava durante alguns minutos.

Era de uma belleza deslumbrante essa cruz de prata, que alguns velhos, actuaes habitantes do logar, ainda tiveram a fortuna de admirar, conforme m'o declararam.

Emquanto os doentes se limitavam a tirar a agua para o tratamento das suas mazellas, o cruceiro de prata apparecia infallivelmente todos os dias, ao passar o sol pelo meridiano: desde, porém, que começaram a penetrar na lagôa para ahí, em banho desrespeitoso e impio, macular as aguas santas, desapareceu para sempre o cruceiro alvo e reluzente.

Apezar disso, não desapareceram, como se poderia suppor, as propriedades medicamentosas da agua, pois até hoje esta ainda opera curas assombrosas.

Ouvi a enumeração de varios destes milagres: entrevados que adquiriram a faculdade da locomoção com um simples banho na lagôa; febrentes desenganados que recuperam a saude com a ingestão de algumas doses da agua santa; emfim, uma serie de casos importantes em que é attestada a efficacia da agua como remedio.

Para satisfazer à credulidade dos que soffrem e não podem vir até a lagôa, é a agua conduzida em garrafas, que se destinam ás vezes a pontos muito distantes.

Felizmente, bem ao contrario do que acontece em outros logares, como na serra da Piedade, perto de Sabará, e no convento da Penha, na Victoria, Estado do Espito Santo, onde a agua santa e milagrosa apparece em proporções exiguas e como que destinada apenas a doses da homœopathia, a da lagôa existe em quantidade colossal podendo ser avaliada em 2 a 3 milhões de metros cubicos.

A povoação da Lagôa Santa, formada de umas poucas ruas sómente, estende-se junto ás margens léste e norte da lagôa. Conta 317 casas e uma população de 1.700 habitantes.

Tevo outr'ora um commercio mais activo e se achava então em melhores condições do que hoje.

A igreja matriz, cuja construcção data de um seculo, está sendo retocada, despendendo-se para isso a importancia de 12 contos de réis.

O desmedido zelo pela conservação desta igreja fez com que se praticasse um dos maiores attentados contra cousas mercedoras da nossa veneração.

Ao lado do templo vivia uma bella gamelleira, cuja idade já podia ser contada tomando o seculo por unidade.

O seu tronco, medindo 2 1/2 metros de diametro, era o sustentaculo de uma copa que sombreava uma área de 15 metros de raio.

Ainda mesmo aos mais velhos da povoação aquella arvore infundia o respeito dos mais avançados em idade.

A sua sombra havia abrigado, carinhosamente, representantes de todas as gerações povoadoras das margens da lagôa. Era o que constava da tradição. E, por isso, em cada habitante de Lagôa Santa, contava a secular gamelleira o sectario de uma especie de religião que mandava veneral-a.

Aos crentes, aquella arvore colossal, ao lado da igreja, como que significava uma gigantesca sentinella a velar noite e dia pola sorte do catholicismo.

O possante guarda, porém, talvez como uma homenagem ao templo, espalhava por sobre uma parte do telhado deste folhas e flores, que não tinham nem o aroma nem a elegancia das malvas e das

rosas, mas que nenhum desrespeito ou damno sério poderiam trazer ao sacro edificio.

Julgou-se, entretanto, que era necessario impedir a continuação dessa queda de folhas e flores, ás quaes não se attribuiam intuito de reverencia e, sim, planos de impiedade, tendo por fim a ruina da igreja.

Varios meios, todavia, poderiam ser tentados a fim de resguardar de possiveis danos o telhado sagrado: poderia ser este, de tempos em tempos, cuidadosamente varrido ou, então, bastaria que se cortassem os galhos collocados por cima da igreja e de onde provinha a folhagem incriminada.

O distincto parochi da localidade, porém, achou melhor cortar o mal pela raiz, e como o mal estava representado na arvore, ordenou que fosse esta immediatamente cortada.

E alguns machados, empunhados por braços que melhor seria jamais terem existido, em um golpiar continuo e brutal, foram extinguindo a vida daquella arvore venerada — a gamelleira secular, a possante sentinella da igreja.

No fim de algum tempo, a furia revoltante e selvagem dos machados, que de encontro ao corpo da arvore tiravam sons cadenciados e tristes como um dobrar a finados, abalava o organismo formado á custa de alguns seculos, e mais um pouco, conseguia que, em um ranger formidavel, se aniquilasse para sempre aquelle inofensivo representante do passado.

Perdera a população a sua arvore querida, e a igreja a sua companheira de tantos annos...

Eua vi estirada no chão, ainda no mesmo lugar em que, faz tres mezes, cahira.

E aquelle corpo inanimado, já invadido pela decomposição e carcomido por parasitas destruidores, despertou-me um sentimento doloroso — mixto de indignação e pesar, indefinivel e acabrunhador.

### III

Confundir-se-ia, certamente, a povoação de Lagoa Santa com as suas irmãs mineiras, sem qualquer cousa de notavel, si um sabio não viesse ahi fixar a sua residencia, tornando-a, então, pelos admiraveis trabalhos paleontologicos que ahi elaborou, conhecida e celebre em todo o mundo.

Com effeito, nos livros de Geologia, em revistas e varias outras publicações scientificas que vieram á luz após aquelles trabalhos, encontram-se, não raro, referencias ao nome de Lund, sempre acompanhado do nome do lugar em que residiu durante o tempo das suas importantes descobertas.

Assim, Lagoa Santa é hoje, pôde-se dizer, um nome universalmente conhecido.

O dr. Pedro Guilherme Lund, dinamarquez, em excursão pelo Brasil, chegou em meados de 1835 ao Curvello.

A sua intenção era estudar a flora brasileira.

Na zona do Curvello, encontrou algumas grutas calcareas que lhe despertaram grande curiosidade e lhe aguçaram o desejo de estudal-as convenientemente.

Desse estudo resultaram surpresas de ordem scientifica, que, por sua importancia, mudaram completamente o modo de pensar de Lund, quanto ao fim da sua excursão: em vez da Botanica, seria desde então a Geologia a escolhida para campo de suas indagações.

Iria dedicar-se exclusivamente ao estudo das innumerables grutas que vinha encontrando e que sabia existirem na bacia do rio das Velhas.

Continuando a sua viagem para o sul e depois de ter estado em Sabará, de onde fez varias irradições para os logares da circumvizinhança, chegou em outubro do mesmo anno (1835) á Lagoa Santa.

Verificou o dr. Lund que, para as suas investigações, seria essa povoação uma boa séde, pois ficava no centro geographico de um grande numero de grutas.

Adquiriu logo, por compra, uma das modestas casas da povoação e ahí se installou, já resolvido talvez a passar nessa localidade toda a sua vida, pois notou que o clima apresentava condições que lhe eram as mais favoraveis.

Tuberculoso, deu-se muito bem com clima de Lagoa Santa, que elle comparava ao de Sete Lagoas.

Continuou Lund as suas explorações espeleologicas até 1844, época em que, por falta de recursos para fazer face ás despesas com esses estudos, como elle mesmo o confessou, teve de interrompel-as, certo de que outros, dizia elle, viriam terminar o ingente trabalho por elle intelligentemente começado.

Não se realizou, infelizmente, a sua prophécia: ninhuem mais, estrangeiro ou nacional, cuidou de colher nas grutas mineiras quaesquer informações sobre a historia do passado do nosso paiz.

A vida de Lund é uma serie de factos através dos quaes se vêm não sómente o homem de sciencia, o sabio emerito, mas ainda o cavalheiro generoso e bom, o cidadão de sentimentos altamente philanthropicos e puros.

Tinha o sabio naturalista alguns recursos pecuniarios que lhe davam perfeitamente para viver em Lagoa Santa. Os necessitados da povoação achavam, porém, que deveria ser elle homem de grande fortuna e, nestas condições, não demoraram muito a pedir-lhe dinheiro por emprestimo e abono para letras. Lund, que não podia ver nin-

guem soffrer, foi, a principio, cedendo aos impulsos bondosos do seu coração—foi emprestando dinheiro e endossando letras.

Com tal pratica, tinha elle no fim de algum tempo respeitavel quantia fóra de seu bolso, em circulação inutil para elle, pois nem ao menos cobrava juros desses emprestimos.

Como as entradas depois se tornavam difficéis, achou que não podia mais deixar sahirem nesse passeio perigoso e transviado as sommas de que começava já a sentir falta. Fez, então, por um jornal, a declaração de que, daquella data em deante, não mais emprestaria dinheiro a quem quer que fosse, nem endossaria letras, mas que tambem poderiam considerar-se isentos da obrigação de pagamento todos aquelles que lhe deviam.

Não precisava outro facto para bem classificar um homem deste, entre os altruistas, sectarios da religião do Bem.

Innumerables outros, porém, vêm confirmar que, além de sabio, era o illustre dinamarquez tambem um bemfeitor.

A' beira da lagoa reunira-se sempre grande numero de lavadeiras, que exerciam a sua profissão debaixo de um sol ardente.

Lund não pôde supportar a continuação desse espectáculo contristador: mandou construir no logar por ellas escolhido um grande barracão de cerca de 20 metros de comprimento e convenientemente largo, e entregou-o ás lavadeiras, dizendo-lhes que este lhes pertencia, como prova em um documento em que se achava exarada tal declaração.

Devido ao seu precario estado de saude, precisava manter rigorosa observancia de certas regras hygienicas e um modo de vida todo especial, pois elle bem sabia que o seu organismo, atacado por terrivel enfermidade, com qualquer descuido de regimen, viria a soffrer desastrosas consequencias.

Procurava, assim, pelo natural instincto de conservação, prolongar o mais possivel a sua existencia.

Para evitar os resfriamentos, as portas e janellas de sua casa abriam-se aos poucos, assim de que a temperatura do interior se pozesse insensivelmente em equilibrio com a do exterior. Gastava-se mais de 1 hora para abrir completamente a janella.

Nos dias frios ou humidos a sua casa não se abria.

Para receber visitas, marcava previamente a hora.

Assim, quem desejasse visital-o mandava antes perguntar a que horas e durante quanto tempo poderia falar-lhe.

Quasi sempre marcava elle entre 1 e 2 horas da tarde. Algumas pessoas de nomeada e importancia deixaram de conhecê-lo, por não lhes marcar elle a hora que ellas desejavam. O proprio Conde d'Eu, quando passou por Lagoa Santa, em 1872 mais ou menos, mandando pedir-lhe o obsequio de recebê-lo antes da hora marcada, por precisar seguir viagem, teve resposta negativa, e como de facto não pudesse ou

não quizesse esperar, seguiu-se conhecer o homem por cuja causa tinha vindo allí o alto representante da casa imperial.

Marcava para as suas visitas um tempo de 10 a 15 minutos, por elle religiosamente contado.

Escoado esse tempo, pedia licença ao visitante e retirava-se para o seu quarto, muito embora ficasse aquelle sosinho na sala de visitas.

Com tal procedimento estava livre do que hoje se chama—o *ca-cete*, esse espantalho politico, do administrador, do chefe de familia, do dono de casa, emfim, do cidadão que sahe á rua.

Não ha lugar para evitar seguramente o *ca-cete* que, em plena rua, ás vezes, nos detem para fazer as suas queixas, contar as suas proezas e relatar as suas glorias, e então, ora nos lê cartas e documentos sobre questões que só a elle interessam, ora nos abotoa o casaco, unindo-se ao nosso corpo, ora, emfim, nos amola, de mil e um modos diferentes.

Para o *ca-cete* o tempo não figura entre as cousas uteis, por isso, pouco se incommoda de martelar, durante horas, tratando de assumptos sem a minima importancia ou seducção, a paciencia alheia.

E' possível que o dr. Lund tivesse tido noticia, quando esteve em Sabará, das façanhas de um terrivel massador dessa cidade, e, então independentemente de o exigir o seu estado de saude, tomasse as medidas de segurança contra as visitas.

Conta-se, com effeito, o seguinte caso occorrido em Sabará, talvez pouco antes de ter estado allí o sabio dinamarquez.

Um *ca-cete* ia, invariavelmente, todas as noites, á casa de um morador da cidade, onde se conservava em palestra até alta noite.

A vela queimava-se toda e o *amavel* prosador não sahia; era substituída por outra no castiçal e tinha ainda de ser consumida quasi toda para que a agradável visita deixasse em paz o pobre dono da casa.

Este já estava cansado e decididamente resolvido a acabar com esse martyrio quotidiano.

Não querendo romper de um modo rispido as relações com o importuno, imaginou um meio, que julgou magnifico para ficar livre do *ca-cete*; deixou em um castiçal um toco de vela de uns poucos centímetros apenas. Quando percebesse a aproximação da tremenda visita, retiraria da sala o castiçal que ali estivesse e accenderia aquella quasi extincta, collocada propositalmente em outro. Não levaria muito tempo, a vela se consumiria, e elle, então, allegando não haver em casa supprimento desse genero, teria o prazer de ver pelas costas o formidavel massador, pois era natural que este não quizesse prolongar a sua permanencia estando a sala ás escuras.

O seu plano foi a principio executado á risca: ao perceber que vinha chegando o algoz, accendeu o toco de vela e poz-se á espera.

Entra dahi a pouco o *ca-cete* e ficam ambos na prosa do costume.

O dono da casa já prelibava a esplendida victoria que ia ter nessa noite, e ao ver diminuir a pequenina vela, anciava para que chegasse o momento venturoso de ficarem ás escuras. Dentro em pouco desapareceria a substancia graxa que alimentava não sómente a luz, mas tambem aquelle martyrio prestes a ter um fim.

Já uma fina camada circular era o unico sustentaculo do pavio, que dahi a pouco, cahido para um lado, não levou muito a expirar.

Fez-se o suspirado escuro!

Estava radiante de contentamento o dono da casa, o qual foi logo dizendo ao visitante que infelizmente não tinha em casa sequer uma vela.

Aquelle, porém, mettendo logo a mão em um dos bolsos, acudiu depressa:

—«Ah! não se incomode!

Eu tenho uma aqui. Sou precavido... Trago sempre commigo uma vela quando saio á noite.»

E o *ca-cete* ficou certo de que tinha prestado um serviço inestimavel ao desgraçado dono da casa, emprestando-lhe a vela...

#### IV

Ao lado de medidas hygienicas propriamente, tomava Lund outras que garantissem o mais possível a sua tranquillidade.

Evitava o mais que podia toda e qualquer contrariedade, sendo disto uma prova evidente o seguinte facto que me relataram.

Um seu vizinho mandára vir, como é uso corrente em certas povoações, uma vacca, para o fim de fornecer leite para a venda diaria.

A' tarde, veiu a vacca para a frente do curral onde se achava preso o bezerro e, a intervallos não muito afastados uns dos outros, berrava, ao que lhe respondia com outros tantos berros, alternadamente, o bezerro.

Esta orchestra bastante incommoda prolongou-se por toda a noite.

No dia seguinte, Lund mandou chamar o dono da vacca e lhe perguntou quantas garrafas de leite produzia diariamente a vacca, quanto tempo durava a lactação e qual o preço de cada garrafa. Depois de ter estas informações, retirou-se para o seu gabinete, de lá voltando, no fim de algum tempo, com um papel, em que se viam algumas multiplicações e que capeava uma certa quantia.

—A sua vacca, fornecendo por dia, disse elle, 5 garrafas de leite, produzirá nos 6 mezes de lactação 900 garrafas que, vendidas a 100 réis, produzirão 90\$000. Pois bem; eis aqui os 90\$000. Agora, o sr. solte a sua vacca.»

Ficou, assim, livre da musica bem pouco agradável que lhe causára tanto incommodo, não o deixando dormir.

É bem claro que em um lugar como Lagoa Santa, raras seriam as distrações que o sábio dinamarquez poderia encontrar.

Para ter um ponto onde pudesse gosar algumas horas de recreio mandou construir na lagoa, a uns 10 metros da margem, uma pequena casa, onde ia quasi diariamente passar das 11 horas até 1 da tarde. Distrahiã-se ali em atirar comida aos peixes, que no fim de algum tempo rodeavam, em cardumes, a pequena casa.

Lund era protestante e, por isto, desconfiando talvez que lhe negassem sepultura no cemiterio catholico, adquiriu em 1868 um hectare de terra, a um kilometro a N. O. da povoação; mandou cercar por meio de vallo esse terreno, que tem a fórma de quadrado, de 100 metros de lado, excepto a parte posterior, que já era limitada por profundo desbarrancado.

No centro desse terreno reservou, assignalando por uma grade de aroeira que até hoje existe, um quadrado de 3 metros de lado. Seria ali a sua ultima morada.

Collocada em frente ao cercado uma cruz de aroeira, singella como aquelle local destinado a conter o corpo de quem tantas descobertas havia feito sobre a historia da Terra, mandou abrir duas largas estradas em fórma de cruz, cuja parte correspondente aos braços ficava parallela ao vallo da frente do terreno.

A parte mais comprida dessas duas estradas cruzadas passava pelo cercado de aroeira e ia terminar no desbarrancado do fundo.

Como toda a vegetação dos terrenos das circumvizinhanças de Lagoa Santa, a do hectare escolhido por Lund, para sua eterna morada, é o cerrado caracteristico de uma grande região mineira.

Os 9 metros quadrados de terra, onde elle iria descansar para sempre, eram sombreados, de um lado, por um piquiseiro de larga copa, de outro, por um jatobá frondoso; seriam esses representantes da Natureza como que dois cirios que lhe velariam o corpo; em vez da cera a consumir-se lenta, produzindo luz e fumo, empregariam elles o sangue vegetal—a seiva—a alimentar folhas, flores e fructos, que lhe viriam cobrir a sepultura, formando carinhoso e singello manto.

Todas as tardes vinha o dr. Lund a esse local, que elle trazia limpo e plantado de flores, e ali ficava, sosinho, algum tempo, contemplando talvez aquellas duas arvores por elle escolhidas para vigias do seu jazigo.

Dois amigos e companheiros seus, P. A. Brandt e João Muller, foram, antes de Lund, sepultados dentro do pequeno cercado.

Devido a um resfriamento apanhado em março de 1880, Lund enfermara, e desta vez não mais se levantou do leito, pois que, dois mezes depois, em 25 de maio, descansava para sempre.

Conhecendo perfeitamente o seu estado, mandou convidar, na vespera de morrer, todas as pessoas que elle desejava que acompanhassem o seu enterro.

Recommendeu que a banda de musica só tocasse peças alegres e que, depois do seu enterramento, fossem á sua casa as pessoas que o tivessem acompanhado, afim de lhes serem ali servidos doces e bebidas.

A banda de musica da localidade, convem notar, era organizada a expensas de Lund, que havia mandado vir tollos os instrumentos, peças musicaes, etc.

Lund morrera contando 79 annos de idade e tendo vivido em Lagoa Santa 45 annos.

Instituiu seu herdeiro o sr. Nereo Cecilio dos Santos, que elle considerava como filho adoptivo, deixando-lhe tambem a pensão annual de 600\$000, destinada a cobrir as despesas com a manutenção do seu cemiterio.

O anno passado, foram os restos de Lund trasladados para uma urna de zinco e collocados em um tumulo, ainda bem modesto, erguido junto ao cercado de aroeira e em frente deste.

Na face vertical desse tumulo, em uma reintrancia de fórma rectangular, medindo 40 por 50 centimetros, acham-se os restos de uma inscripção, quasi toda já apagada e illegivel, apesar de ter sido feita ha menos de um anno.

Após a morte de Lund, a sua grande bibliotheca, que ficava em uma pequena casa assobradada, completamente independente da casa de morada, foi vendida parcelladamente.

Pessoa digna de fé informou-me que assistiu, certa occasião, á venda de 280 volumes por 280\$000.

Parece que não tem razão o sr. dr. Julio Horta Barbosa, quando suppõe que nessa bibliotheca nada haveria de valor, julgando que tivessem sido enviadas para Copenhague todas as obras importantes sob qualquer ponto de vista.

Comprehendendo que Lund houvesse feito a remessa dos seus trabalhos propriamente, mas de todas as obras de valor da sua bibliotheca, não, pois que por occasião de sua morte contavam-se ainda por centenas os livros que enchiam os commodos da pequena casa assobradada.

Eu mesmo vi, no dia 6 de janeiro corrente, enfeitando a sala de um presepe, folhas destacadas da obra de Georges Cuvier—*LE RÈGNE ANIMAL DISTRIBUÉ D'APRÈS SON ORGANISATION*.

Lá figuravam, nas folhas pregadas á parede, desenhos representando cobras, sauros, veados, mastodontes e outros animaes.

Em frente a esse presepe tive a fortuna de observar uma interessante scena—uma benzedura.

Acabava a turma «tiradora de reis», composta do «Bastião», do «Jacob» e do «Major» e de uns tantos cantores e violeiros, a sua canção acompanhada de adufe e caixa, quando uma pessoa, que se

achava ao nosso lado, pediu ao João Ferreira, o benzedor, para cural-a de forte dor de dente.

João Ferreira, um velho de 70 annos, atirando ao chão o chapéo e arregaçando as mangas da camisa azulada, isolou o doente dentre as demais pessoas que alli estavam, e, segurando-lhe a mão esquerda com a sua direita, olhou successivamente para os quatro pontos cardeaes, com a face voltada para o céu.

Os seus labios moviam-se como si elle estivesse rezando baixo e, então, ora apertava com alguns dedos o pulso da paciente e resignada doente, ora passava-lhe a mão pelos cabellos. De tempos em tempos, humedecia com sua saliva a ponta dos dedos ou a palma da mão, balbuciando sempre qualquer cousa de transcendentalmente mysterioso, olhos fixos no zenith.

Interrompia ás vezes esse estado contemplativo, para perguntar si a dor estava passando.

Assim ficou durante 10 minutos e, ao verificar que a dor não cedia, deu por terminada a benzedura, dizendo nem sei mesmo que palavras cabalísticas.

Dei meus parabens a João Ferreira, fazendo-lhe sentir a minha admiração pelo seu poder sobrenatural e pedindo-lhe ao mesmo tempo para ensinar-me o seu systema de benzer.

Disse-me ser impossivel poder satisfazer-me; era mysterio.

Em suas longas viagens pelo Urucuaia, Paracatu, Goyaz e Matto-Grosso, havia tido a ventura de obter aqui e alli, a muito custo, a somma de poderes sobrenaturaes, que lhe permittiam operar verdadeiros milagres.

Abriu a camisa e mostrou-me, preso em um cordel, um amuleto —era um «bentinho» ou «breve da marca», centro e residencia de todos os seus extraordinarios poderes.

Assegurou-me que esse «breve» cresce; quando o collocou, ha muitos annos, ao pescoço, elle tinha o comprimento de «uma unha», ao passo que hoje está assim grande com cerca de 6 centímetros.

Contou-me varias curas milagrosas por elle feitas.

Perguntando-lhe como é que elle curava o mordido de cobra, disse-me:

—É muito simples: «faço um *salamaleque* em cima de uma chicara de cachaça, e dou ao doente para beber.»

João Ferreira pediu-nos desculpas por não poder continuar a prosa agradável e foi reunir-se ao grupo onde se exhibia em trejeitos apalhados o impagavel «Major».

Pesaroso, despedi-me desse velho sympathico, cujo poder sobrenatural é tão grande quanto a ingenuidade dos que acreditam nas suas benzeduras.

Interessante a inversão de nomes que ouvi em Lagoa Santa. Já me referi á cacimba da «Maria Dona»: pois ha tambem o sr. Antonio Doutor e os srs. José Padre e Joaquim Padre.

Passa o clima de Lagoa Santa como sendo magnifico para os tuberculosos, crença justificada pelo facto de ter ahí vivido 45 annos um tuberculoso em gráo adiantado, como o era o dr. Lund.

No verão, o thermometro, segundo me informou o distincto professor publico do logar, sr. José Alves Portella, a quem devo varias das informações transmittidas nestas ligeiras noticias, sobe facilmente a 30° e mesmo a 33° á sombra.

Nenhuma molestia existe endemica na localidade e nem mesmo tem grassado epidemicamente. Apenas o anno passado deram-se alguns casos de typho, attribuidos a chiqueiros existentes dentro da povoação.

Com o meu olfacto verifiquei, realmente, que alguns chiqueiros são ahí insupportaveis.

Informaram-me que alguns homens de valor, tendo em consideração as condições climatericas de Lagoa Santa, pretendem fundar ahí um sanatorio, principalmente para tuberculosos, achando-se que a agua calcarea da lagoa concorre para produzir as melhoras nos doentes que para lá têm ido.

Que a agua é calcarea, desconfia-se logo, pelo seu sabor «terroso», que bem a differença das aguas potaveis verdadeiramente puras; agora, si essa condição convem aos tuberculosos, é um facto interessante que compete á medicina estudar e esclarecer.

Seja como for, a idéa é digna de applauso, pois que é sempre merecedora de elogios a empresa que tem por fim mitigar, mórmente sem prejuizo pecuniario, os males da humanidade, estabelecendo sanatorios em logares pittorescos e saos como Lagoa Santa.

**Alvaro da Silveira.**